

Leopoldo Machado

O Espiritismo é Obra de Educação

TESE apresentada ao 1.º Congresso de Jornalistas Espíritas, realizado de 15 a 24 de Novembro de 1939. E lida a 23 daquele mês, no vasto salão da ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA JESUS CRISTO.

1944

Empresa Editora «O CLARIM»

Matão — Estado de S. Paulo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Leopoldo Machado

O Espiritismo é Obra de Educação

TESE apresentada ao 1.º Congresso de Jornalistas Espíritas, realizado de 15 a 24 de Novembro de 1939. E lida a 23 daquele mês, no vasto salão da ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA JESUS CRISTO.

1944

Empresa Editora «O CLARIM»
Matão — Estado de S. Paulo

CONCLUSÕES

De sua leitura, deve-se chegar — antecipadamente o anotamos — às conclusões seguintes:

a) Que, a despeito de vivermos o «século das luzes», assistimos o desmoronamento de uma civilização em ruínas, porque sem Deus;

b) Que, dispondo a humanidade de tudo para ser feliz, é mais infeliz, talvez, do que o homem primitivo;

c) Que é o materialismo a causa de todos os males do século, justificando, aliás, o conceito de Luiz Figuier: «A sociedade atual está a braços com um mal terrível, com um cancro moral, que ameaça destruí-la. Esse mal é o materialismo»;

d) Que só a Educação pode—como a auxiliar melhor da Natureza, na assertiva de Emanuel Kant — pôde, reunindo as irmãs gêmeas divorciadas — a Ciência e a Religião—salvar a humanidade do cáos em que resvala;

e) Que nada existe maior, a julga-

mento dos grandes homens e das grandes civilizações, do que a Educação;

f) Que só a aliança da Razão com a Fé pode engendrar uma educação perfeita, integral, positiva;

g) Que a educação de si mesmo, a auto-educação, é a verdadeira educação;

h) Que, materialmente falando, o homem pouco vale, nada é, pois seu valor real deriva de suas qualidades morais, de suas forças espirituais e morais;

i) Que, se sistemas de educação exclusivistas e dogmáticos já produziram maravilhas, de que prodígios e maravilhas não será capaz a educação cristã, espiritualmente elaborada e aplicada?

j) Que a verdadeira educação cristã, nos moldes dos Evangelhos ainda não existiu à face do planeta;

k) Que, sendo Jesus o MESTRE E SENHOR — pois só quis para Si o qualificativo de MESTRE—Seu Evangelho e Sua Doutrina são obras de perfeita educação;

l) Que, por ser o Espiritismo aquele Consolador que O DIVINO MESTRE prometera, não pode deixar de ser a mesma escola de educação que se contém no Cristianismo;

m) Que a educação começada na

infância implica a maior garantia da grandeza e difusão de uma doutrina, de um povo, de uma nação;

n) Que a educação perfeita depende mais do mestre de que de escolas suntuosas e aparelhamentos modernos;

o) Que toda doutrina carece de um programa. Donde, o esboço do programa educativo apresentado...

O Espiritismo é Obra de Educação

I

Assistimos ao esboroar de uma civilização que, no sentido de preparar o homem para ser feliz, faliu em tudo, dolorosamente !

Contemplando-se o esbarrondar de seu edifício em ruínas, a gente fica a pensar se teria valido, realmente, a pena que se consumissem tantos afadigamentos e lides excessivas para que a humanidade se enchesse de tanta ciência e filosofia, de tantas religiões e doutrinas sociológicas, de tantas artes e tantas letras !...

Talvez seja, até, para pensar-se com Felix Le Dantec que o homem do século do avião e do rádio pouco se distancia do troglodita.

A vida humana corre, para quem a examina superficialmente, como nos tempos da barbarie, se não fôr mais complicada, menos fácil, mais áspera. Dir-se-ia que o homem do «século das luzes», pouco ou nada se distanciou do selvagem e do bárbaro, a despeito do verniz de civilização que apresenta.

I I

QUAIS AS CAUSAS ?

Difícilimo é atinar, psicologicamente, com as causas das ruínas da civilização em curso.

Será por falta de ciência ?

Não, de certo.

Se a ciência fôsse, por si mesma, capaz de levar o homem à solução do problema de sua felicidade, a civilização a que pertencemos seria a mais feliz de quantas já houve.

Não é a nossa éra chamada o «século das luzes» ?

Com o advento, principalmente, da electricidade, sente-se que nada falta ao homem para seu conforto material. A física e a química, de mãos dadas, têm realizado «milagres» e prodígios, afim de que nada falte à humanidade para bem viver materialmente. Se o viver bem, materialmente, fôsse condição indispensável de felicidade, nossa época seria a «éra do homem feliz».

Ha de ser, então, por falta de filosofias... será ?

Considerando-se a filosofia como «o complexo de todos os conhecimen-

tos», é para admitir-se que o estudante de humanidades de hoje, aplicado e culto, pode ser mais preparado e saber mais coisas do que muitos sábios de ontem. Talvez pudesse ser mais filósofo do que muitos filósofos do passado, tais e tantas são as filosofias e os sistemas filosóficos existentes.

Já se disse, filosoficamente, que «o mal do século deriva de procurar-se na filosofia a solução para todos os problemas».

Ha de ser, naturalmente, por falta de religiosidade...

Religiões, porém, é que não faltam à humanidade. Temô-las em excesso. Até sem immortalidade e sem Deus, como a do sr. Augusto Comte. Umas sessenta codificadas e algumas milhares de seitas, crenças, credos, chismas e crençices. Todas, no inglório serviço de, mentindo à sua verdadeira finalidade, afastar, ainda mais os homens, ao em vez de aproximá-los, visto como é o ódio religioso — bem o escreveu, sob o testemunho dos factos, Ruy Barbosa — o pior de todos os ódios humanos.

Se quantidade de religiões fôsse motivo para felicidade, nenhum mundo seria, talvez, mais feliz do que a Terra!

Será por falta de doutrinas sociológicas e de códigos de moral?

Nossa éra é a época da sociologia, que nela se formou. Nunca se falou tanto em doutrinas sociológicas nem apareceram tantas ideologias destinadas à salvação sociológica do mundo. Não havia que não reponte, aqui e alhures, um sistema sociológico, reunindo todas as qualidades únicas de salvação da humanidade e do mundo, a desfraldar as mais lindas legendas. (*)

E sistemas de governos se alicerçaram nos infalíveis postulados da sociologia, que é ciência novinha em folha, obra de nossa época.

E os códigos de moral, e moralistas de fama e glória, têm-os por toda parte, a ensinar e prègar aquilo que estão longe de executar.

Assim, não é por falta de falar-se tanto em moral, de obras e prègadores socráticos de moral que fôramos arrastados a isto!

[*] *Tivemos um com esta legenda magnífica: Deus, Pátria e Família, mas que prègou o ódio racial e açulou paixões ateistas.*

Por falta de letras e de artes também não é.

Vivemos a época de tecnologias em tudo. Até nas artes e nas letras ! Técnicos que legislam, artístico-literariamente, até para os pósteros, traçando cânones infalíveis para a arte e a literatura do futuro. Donde, o *futurismo*, em que seus corifeus vaticinam o mesmo espírito de mau gosto e de depravação beletrística para as gerações de amanhã.

Com o advento do rádio e do cinema, dispomos de arte e de letras que nos vão penetrando a sensibilidade de um modo menos árduo, porque recreando pelo olhos e pela audição, no mesmo passo que transmitem cultura. E cultura para todos os paladares e à altura de todas as mentalidades...

Será que se trabalhe mais, na hipótese do trabalho ser aquela condenação bíblica, de molde a indispôr para a felicidade ?

Além dos códigos sociais fixarem o dia de trabalho em número reduzidíssimo de horas, as máquinas vieram economizar, praticamente, muito esforço humano. Esforço muscular e mental, de vez que dispomos de máquinas para tudo.

O homem dispende, hoje, muito menor esforço no mesmo passo em que obtém maiores resultados. Se isto fôsse motivo de felicidade para o mundo, o mundo de nossa era seria o mais feliz!

Talvez seja porque a Terra, em virtude de seus dois bilhões e tantos de habitantes, já não pode bastar a todos, será?

Não é. A' fôrça de recursos científicos e do poder das máquinas, chegámos a testemunhar a mais original das crises: a *crise da superprodução*. Crise *debelada*, a orientação de técnicos, que ninguém sabe de que escolas tecnológicas saíram, a destruição de excessos, enquanto muitas criaturas sofriam dolorosas privações dos produtos destruídos, que foi bem o que se deu ha dez anos nos Estados Unidos e na Argentina, na Romania e no Brasil, com a queima dos trigais, do milho e do café.

Se excesso de produtos da Terra pudesse dar felicidade, que outra época poderia ser mais feliz do que a nossa?

Se a loucura esportiva pudesse levar felicidade a uma época, nem os áureos tempos gregos dos jogos olímpicos seriam tão felizes como os nossos tempos.

Se o esporte colimasse o preceito

de Juvenal, nenhuma raça mais forte e sadia, mais feliz e diligente do que a nossa mocidade. A época é, indiscutivelmente, da supremacia do soco e do chute. Subiu tanto o chute e o soco de coitação nas esferas sociais, que se fez profissão mil vezes mais bem aquinhoada do que outra qualquer profissão utilíssima. Quem, hoje, sabe acertar um forte soco ás ventuças do contendor, tem a fortuna e a glória mais garantidas do que o artista que escrevesse a DIVINA COMÉDIA e esculpisse o MIGUEL ANGELO. Um chute dado com precisão tem mais importância do que a solução de um problema de física ou de química...

Foi ha anos, quando Mme. Curie estava na ordem do dia.

Gilberto Amado escreveu de Paris, para um jornal carioca, o seguinte:

Chegava à cidade luz, a genial esposa de Pierre Curie.

Fôra êle, em nome da pátria distante, a seu desembarque, com um ramilhete de rosas frescas para a mulher genial. Muita gente à estação. Se não estivesse em Paris, seria para admirar tanta gente assim, ao desembarque de

uma embaixadora da inteligência. A França era, porém, a França...

Mme. Curie desce, recebendo, apenas, a sua homenagem e a investida de agentes de hotéis de terceira ordem...

Aquela multidão aglomerada na Estação espera Dempsei, que voltava de esmurrar, ganhando milhões e glórias, as ventuças de Firpo, no último combate pugilista. E nem deixa o herói do murro saltar : arranca-o do carro e o conduz, aos vivas e festas, Paris em fóra, nos ombros...

Isto, em Paris!!!...

Por falta de prazeres, divertimentos e festas não seríamos, também, tão infelizes. E' o que não nos falta. E para todos os preços e paladares!

Não corresse a vida, tal como aí a vemos, feita quasi que um perene carnaval!...

Porque será, então, que, dispondo a humanidade de tudo, sob o ponto de vista científico e filosófico, religioso e moral-social, esportivo e artístico, não póde ser feliz? não resolveu o problema da felicidade humana?

III

A MAIOR CAUSA

O materialismo grosseiro e absorvente, orgulhoso e egoístico, que se infiltrou em tudo e dominou todas as camadas, eis a causa maior e pior.

As doutrinas materialistas, reduzindo os problemas sérios da Vida a questões econômicas, de cuja solução fez depender a felicidade humana e para cuja solução vão açulando ódios tigriños e armando guerras prestes a deflagrarem; o materialismo, dominando ciências e religiões, filosofias e problemas sociais, artes e esportes, tudo e tudo, são, para nós, a causa dos males da época, os responsáveis diretos da situação criticíssima por que passa a Terra.

Na ciência oficial é de tal maneira dominante o materialismo, que até se lhe fez dogma. Mas, dogma no sentido de puro convencionalismo humano, que não segundo sua semântica. Daí, cientistas se agarrarem a teorias das mais absurdas e abstrusas, para explicarem fenômenos que, fóra das explicações psíquicas, não encontram senso e lógica.

As religiões, sentindo, psicologicamente, que o homem continua escravo à materialidade de seus cinco sentidos, materializaram, por isso mesmo, seus ensinamentos e sacramentos, seus símbolos e práticas, para agradarem a maior número. Daí, seu ritualismo e essa multiplicidade de símbolos materiais tão do sabor de seus religiosos. Por isso que se vêem homens cultos, à altura de um Eça de Queiroz, para quem sem ritualismo, símbolos e dogmas humanos não pode haver religião. E agarram-se muito religiosamente, a tudo isto, embora cômicos de que, como ensina o materialismo científico, «a religião é irreconciliável com a ciência, a razão é incompatível com a fé». E lá se vão, assim, aos templos religiosos, onde só encontram o que lhes impressione a vista, ao ouvido, à olfação, ao paladar e ao tacto, que não à inteligência, ao sentimento. Deve, porém, estar certo, de vez que se trata de materialidades religiosas, símbolos e dogmas. E essas coisas não se discutem: aceitam-se ou negam-se.

A Pasteur, sábio e católico, se perguntou, certa feita, como podia harmonizar sua ciência à religião. «Eu fecho

meu gabinete de cientista sempre que vou à igreja», respondeu o sábio.

Materialismo dogmático vai-se encontrar, também, nos gabinetes e laboratórios dos cientistas, que se agarram a uns tantos princípios e convenções puramente materiais, fóra dos quais, não póde haver, para êles, verdade nenhuma. Convenções e princípios registrados, às vezes, imperfeitamente, pelo julgamento apressado de seus sentidos. Esquecem tais cientistas que houve um colega seu, sábio e homem de ciência integral, Camilo Flammarion, que escreveu, cientificamente: «os nossos sentidos, os nossos meios de percepção dão-nos uma falsa imagem da realidade». Outro sábio, Augusto Comte, nem por negar a existência de Deus e a imortalidade da alma, deixou de afirmar «ha verdades que devem ser, primeiro, sentidas para serem, depois, compreendidas». E o bom senso de Allan Kardec afirma que «para crer, não basta ver, sinão também, e principalmente, compreender...»

IV

RELIGIÃO E CIÊNCIA

Falemos, sómente, aquí da ciência

e da religião, que são, por assim dizer, os dois polos da vida espiritual. Tudo o mais deriva delas. Sómente com uma, impossível solucionar todos os problemas que a Vida nos oferece. Em que pese ao orgulho da religião, que se presume um ambiente do céu dentro da Terra, por isso que parece desprezar tudo o que é terreno; a despeito do objetivismo materialista da ciência, que nega o espírito e a imortalidade apregoados pela religião, presumindo-se tudo poder explicar sem Deus e sem espírito: conquanto não exista, para a religião, mérito na fé justificada pela razão (*Suma Teológica*, S. Tomaz de Aquino); embora para a ciência aí dominante, materialista e atéa, a razão seja incompatível com a fé, o facto é que fé e razão, ciência e religião são irmãs gêmeas, que se completam mutuamente. Dí-lo Allan Kardec dêste jeito: «A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material, a outra, as do mundo moral. Porém, tendo ambas o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se uma fosse a negação da outra, seria uma, necessariamente, irracional e a outra ra-

cional, pois que Deus não pôde querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade que se crê distinguir entre estas duas ordens de idéias, provém da falta de observação e do demasiado exclusivismo de uma e outra parte. Daí, o conflito que gerou a incredulidade e a intolerância».

Conflito, intolerância e incredulidade que tendem a desaparecer, diante da religião do futuro que deve ser científica e a ciência religiosa, na assertiva e prognóstico de Camilo Flammarion. A ciência religiosa e a religião científica, se quiserem ambas dominar todas as consciências, preparando o homem para a solução do problema de maior importância: o problema de sua felicidade mesma...

V

O PAPEL DA EDUCAÇÃO

A educação é o único processo de solucionar este problema. E' a força incoercível que se dispõe ao desaparecimento das rivalidades entre a religião e ciência, afim de que, xifópagas que são, não se deixem operar por mão

inhábeis, que seriam as do religioso exclusivista e inculto e as do sábio materialista e tão dogmático como o religioso inculto e exclusivista. Da operação feita por tal gente, como tem acontecido até o presente, pôde resultar (e tem — ai da religião e da ciência! resultado) a morte de uma das irmãs, exatamente como acontecera com as irmãs siameses operadas, ha trinta anos passados, pelo dr. Chapot Prevot, facto que impressionou o Brasil inteiro.

E' a educação conciente e inesclusivista que tende a restabelecer a aliança das duas maiores potências do mundo, a conferir, demonstrando-o, razão a Tomaz de Aquino, quando afirma que «só a pouca ciência nega Deus»; a ajustar valimento a Leon Deniz, que diz: «não basta saber, é preciso crêr»; a endossar Allan Kardec, quando ensina; «à fé é preciso uma base: a intelligência perfeita daquilo em que se deve crêr».

A ciência por ser ciência e a religião por ser religião valem, realmente, pouco, porque não valem para fazer a humanidade feliz, aí está o descabro da hora que passa, atravancada de ciência e de religiões . . .

E' preciso que a ciência valha muito mais e que a religião prepare o homem para que, espiritualizando-se convenientemente, possa confiar numa ventura *post mortem*, sem descurar da felicidade na Terra.

Sôou a hora da religião ciência e da ciência religiosa: a hora da razão-fé, do *eu creio sabendo*, ao em vez do *eu creio-porque creio*.

V I

A LIÇÃO DO LICURGO

Ao grande legislador espartano pediu-se um discurso a propósito da educação. O tio do rei Agesislau pediu, para prepará-lo, o prazo de um ano.

Admiração para toda gente, visto como ninguém podia compreender a maior cabeça de Esparta precisasse de um prazo tão longo para a urdidura de uma peça oratória. Esgotado o prazo, toda Esparta vai para a praça dos esportes, ansiosa de ouvir o grande legislador. Licurgo apresenta-se precedido de duas gaiolas. Numa gaiola, dois cães. Duas lebres na outra. Diante da multidão, sem nada dizer, o grande le-

gislador tira uma lebre e um cão. Solta a lebre e empós, o cão, que a es-traçalha num ápice. Solta, a seguir, a outra lebre, e o outro cão. Que se vê, agora? O cão fraternizar com a lebre, como dois bons amigos, em vez de es-traçalhá-la . . .

— Aí está, senhores, — disse o le-gislador — para que pedí prazo tão gran-de. O melhor discurso é, ainda o exem-plo. Trouxe-vos o exemplo do que pó-de a educação. Como viram, ela póde aproximar, até, dois sêres tradicionais e instintivamente rivais..

Será que a ciência e a religião se-jam mais inimigas do que o cão e a lebre?

Se em casos de competições terre-nas póde tanto a educação, o que não poderá ela nos domínios da inteligên-cia e do espírito? Tudo! E' pela inte-ligência que o homem domestica ani-mais fisicamente superiores a nós. Acre-ditais que o pudesse fazer pela fôrça bruta? Se os animais tivessem nossa inteligência e nosso raciocínio, medindo fôrça física com o homem, seria o ca-valo que montaria o homem, seria o boi que levaria o homem ao matadou-

ro, que atrelaria o homem à charrua e ao arado...

VII

A EDUCAÇÃO E OS GRANDES HOMENS...

Nada tem preocupado tanto o homem, através das éras, como o problema educacional da humanidade. Os pró-homens sempre tiveram sua atenção voltada para êste problema que, depois do problema de sua felicidade mesma, se lhe tem afigurado delicadissimo, importantissimo. E' que de sua solução depende a solução de todos os outros problemas humanos...

Para Confucio é a educação o único meio de chegar-se ao céu. E de desanimalizar o homem, visto como, para o pensador chinês, «o que diferencia os homens dos outros animais é muito pouco. E a maior parte dos homens deita fóra êste pouco», fugindo à educação. Zoroastro ensina que «a educação é a vida da humanidade». Para o povo de Israel, era tudo a educação. Salomão não a perde de vista nos seus provérbios. Povo profundamente religio-

so, cuja vida só valia por seu sentido de religiosidade, o único monoteísta da antiguidade, era para colocar a religião acima da educação. Entretanto, o povo de Israel registra uma celebridade, Moisés Maimônide, que opina: «Pereça o santuário, mas vão os meninos à escola». Pitágoras, o metodizador da Educação entre os gregos, preceituava-a como fator dos bons costumes. Para êle, «os bons costumes são preferíveis aos conhecimentos». Vêde bem que o poeta dos «Versos de Ouro» não põe a educação acima dos conhecimentos, mas dos bons costumes. Sócrates, a quem podíamos, bem como a Platão, chamar de precursor moral do Cristo, fez da educação moral uma ciência. E que ciência? A Ciência do Bem. E' do grande ateniense o conceito de que «só é útil o conhecimento que nos faz melhores». Donde, admitir a sabedoria sem moral feita uma inutilidade. E o é, com efeito, sempre que deixa de ser pomo de discórdias e de malefícios para a humanidade. Foi a sabedoria sem moral que arrastou o mundo a isto que aí está: um vulcão prestes a explodir... Um sábio mau, embora não mate e não roube é mais danoso com seus escritos

e suas teorias, do que centenas de infelizes Virgulinos Lampeões. Samuel Smilles conta, em bela alegoria, que duas almas, a de um salteador de estrada e assassino, e a de um escritor de fama, como o autor de «Palavras Cínicas», vão ser julgadas. A pena que o Supremo Juiz confere ao bandido é bem menor do que cabe ao escritor, que protesta:

— Pois que Senhor! Eu não matei, nem roubei como êste bandido! Será justo que minha pena seja maior do que a dêle?

— Justíssimo — respondeu o Supremo Juiz — porque foste mais prejudicial à humanidade do que êle. Quem te garante que não foram tuas doutrinas e teorias que o intoxicaram de maldades? Êle só fez o mal enquanto esteve na Terra, vivo. Tu, embora morto, como êle, continuas, lá em baixo, vivo, através-de teus livros, que andam de mão em mão, a fazer o mal, a distillar o mesmo fêl e veneno...

Platão, o fundador da célebre escola do jardim de Academo — um nobre e rico idealista, donde, *academia*, — Platão preceituava: «a verdadeira educação é a que dá ao corpo e à alma toda a beleza e toda a perfeição».

De tal modo Aristóteles, tido e havido como a cabeça maior da espécie humana, compreendeu e praticou a educação, que a sentia feita a obra da vida inteira. Vivemos, para o sábio ímpar da Grecia, a educar-nos. De pleníssimo accordo. Aliás, é o pensamento de Charles Rivet, que setencia : «a verdadeira educação é a de si mesmo». E' também êste o pensamento de Bonnot de Condillac, para quem a auto educação ou educação de si mesmo, é a educação». E tão difícil é esta educação, que um grande reformador russo, Pedro, o Grande, lamentava, no fim da vida, haver conseguido educar seu povo sem conseguir, entretanto, o mesmo resultado consigo mesmo. Catão, o Censor, punha o officio de educar acima do de governar. E' possível fosse inspirado no rival de Publio Cipião, que o nosso Pedro II houvesse dito seria mestre-escola se não fosse imperador. Sêneca, o infeliz mestre e assassinado de Nero, colocando, como Sócrates, a educação dos sentimentos acima da sabedoria sem sentimentos, interroga: «Que importa saber o que é uma linha reta, se não se sabe o que é a retidão?». Erasmo de Rotterdam compreende que o de-

licadíssimo trabalho de ajustar essa retidão aos espíritos, deve caber, principalmente, à mulher. Por isso que para êle, «a mãe que não é primeira mestra, é madrasta». Rabelais joga à responsabilidade da má educação, a imbecilidade de muita gente que fôra, em criança, inteligente. Erasmo, endossando Sêneca e Sócrates, afirma que «ciência sem consciência é, apenas, ruína da alma». E, também, do corpo, acrescentamos nós, embora sem sabedoria nenhuma. Que são essas máquinas de guerra, êsses gases asfixiantes, a aplicação de inventos maravilhosos, como a dinamite, o avião, a electricidade, e, agora, o rádio e a televisão aplicados como instrumentos de morte, sinão o testemunho de muita ciência sem consciência e sem sentimentos? Por isso que John Lock dizia era a instrução a parte mínima da educação; era a consciência mais do que a ciência. E sentia que se deve educar mais pelo exemplo — o que se verifica raramente — do que por palavras. «Nada ha que penetre o espírito humano mais suavemente e mais profundamente — diz o educador inglês — do que o exemplo».

VIII

QUE É O HOMEM

O homem, dentro da Vida, que é?
Quem o sabe em ciência e consciência?

Para a Bíblia, a imagem e semelhança de Deus. Mas, que levou o próprio Deus a arrepender-se de o crear. E' o que se lê na *Gênesis*, VI-6.

Somos para Schopenhauer a única coisa mal feita que Deus fez.

E' «a causa desconhecida a que se referem todas as nossas sensações» para Stuart Mill.

E' um ilustre desconhecido, afirma Alexis Carrel, a despeito de toda a sabedoria e pretensão humanas.

O materialismo aí dominante em tudo rebaixa-o à pior espécie animal, de vez que qualquer animal vale pelo que é, materialmente. O homem pelo que tem, e sabe; e a posição que ocupa . . . O boi vale mais por ser boi do que o maior milionário, e sábio, e poderoso por ser, apenas, homem. Por ser homem, nosso valor material não excede de 6.400 gramas de minerais, 6 quilogramas de ossos, 15 de albumina e fi-

brina e 50 de água. Tudo isto reduzido à moeda ao câmbio do tempo de Flamarion, não valia mais, — demonstra-o o sábio astrônomo de Juvisí — de 6 cruzeiros e 70 centavos, a despeito do materialismo quindar o homem à condição do *homo homini deus*, de John Owen . . .

E' o microcosmo menos conhecido para si mesmo do que o macrocosmo, conceitua Oliver Lodge.

«Fá-lo bom a Natureza — diz Rousseau — mas a sociedade torna-o perverso».

E' o *homo stultus* de Charles Richet.

E' o *homo homini lupus*, de Tomaz Robbes.

Para o Cristo, a creatura capaz de fazer o que Ele fez e mais ainda, pois Ele o disse: «vós sois deuses . . .»

Mas, só se será um deus, capaz de fazer o que fez o Cristo, pela educação. Mas, pela educação, no sentido racional e espiritual do termo.

IX

A OBRA DA EDUCAÇÃO

A educação espiritualmente racio-

nal desmente o conceito de Schopenhauer e endossa o de Hartmann, para quem o homem é a coisa mais bem feita por Deus. Pois, não disse o Cristo: «Sêde perfeitos como o vosso Pai é perfeito?» Ser perfeito como Deus, tomado ao péda-letra, é ser Deus.

A educação no sentido exáto do termo, torna o homem, desmentindo o conceito de Stuart Mill e de Carrell, conhecidissimo de si mesmo. Pois não é do Cristo que «nada existe encoberto que não se descubra?» Encoberto vale por desconhecido. Assim, quem, educando-se ou reeducando-se, procurou o Reino de Deus e sua Justiça, tudo o mais receberá de acrescimo, como está no Evangelho. Receberá, consequentemente, a graça do conhecimento integral do homem; o que vale dizer: do descobrimento de si mesmo.

A educação nos moldes perfeitos de seu sentido, demonstra, por a $\frac{1}{2}$ b, que o homem não é, apenas, êsse amontoado de sangue, e nervos, e fibrina, e albumina, e ossos, e músculos, e substâncias minerais... Pois não é dos Evangelhos que «o espírito é tudo, que a carne para nada aproveita?»

Uma educação assim orienta que a Natureza não faz o homem bom ou mau, visto como é ela, também, obra de Deus. Dêste Deus que faz o homem simples e ignorante, afim de que, por seus próprios esforços, possamos ascender para Ele. E' a educação que ilumina a ignorância do *homo stultus*, de Richet; que humaniza, cristianizando-o, o homem-lobo-do-homem, de Hobbes.

E' certo que não se trata da educação, ou de processos de educação, como tem o mundo conhecido até hoje : ora sistematicamente dogmática; ora dogmáticamente materialista. Sinão, tocados, laicamente, de vago materialismo e ainda mais vago espiritualismo. Frutos, quasi sempre, de concepções e teorias individuais . . .

Trata-se da educação científicamente religiosa, porque da religião filosófica-científica que se consubstancia na Doutrina Espírita, cuja função é acima de tudo e essencialmente, espiritualizar educando ou reducando o homem à luz do Evangelho de Jesus interpretado em espírito e verdade . . .

X

ESPIRITISMO E CRISTIANISMO

O Espiritismo, feito o complexo de ciência, filosofia e religião que aí está, é bem — sabem-nos todos — o *Consolador* prometido pelo Cristo, o Espírito da Verdade que, a seu tempo, viria exumar do véu da letra que mata, as verdades todas que se contém nos Evangelhos, afim de integrar toda a humanidade na única doutrina que ha de fazê-la feliz. Tende, assim, de ficar eternamente conosco, para que, a todos educando, o pecador se arrependa e viva. E toda carne conheça a Jesus. E o Evangelho seja prègado a todas as creaturas. E não se perca nenhuma das ovelhas que o Pai confiou ao Divino Pastor . . .

Só pela educação, de vez que o Cristianismo do Cristo é a mais perfeita escola de educação que já se conheceu até hoje, pode o Espiritismo realizá-lo integralmente. E, espiritualmente, poderá o que não pôde o Cristianismo primitivo, desvirtuado às mãos dos homens que olvidaram, exatamente, o seu

caráter educativo. O que vale dizer : o seu verdadeiro, único e efficientíssimo caráter...

X I

O JUDAISMO E A EDUCAÇÃO

Não podia, nem póde o Cristianismo, que é a consubstanciação de toda a Lei e os Profetas, aberrar, como não aberrava o judaismo, da função educativa, ordenada e disciplinada.

Nenhum sistema religioso foi mais apegado aos problemas educacionais do que o judaismo. Era-lhe a educação o mais belo sacerdócio. A vida terrena sem a educação que preparasse para uma perfeita identificação com Jeová, pouco valor tinha. Por isso que nenhum povo viveu tanto para o sentido religioso da Vida. Daí, o próprio Jeová aconselhar diretamente: «Sêde santos como eu, vosso Deus, sou santo». As escolas de profetas, iniciadas por Samuel, não só marcaram a idade áurea do Reino de Israel, atestando o grandissimo aprêço em que Israel tinha a educação. Os mestres, entre os hebreus, constituíam a classe mais respeitada e reverenciada. O *Talmud*, a obra que encer-

ra as tradições todas dêsse povo, ensina: «Se teu pai e teu mestre precisam de assistência, socorre, primeiro, teu mestre». O Cristo, a convidar, feito Senhor e Mestre, o futuro discípulo a seguí-Lo, dizendo-lhe que deixasse aos mortos o cuidado de enterrar a seus mortos, talvez lembre, implicitamente, esta supremacia . . .

O espírito, sendo mais do que o corpo, o pai que não seja, também, o mestre de seu filho, deve valer, espiritualmente, menos do que aquele que cuide mais, no homem, do que não morre... É o que deve acontecer com o pai que, no filho, só cuida de beneficiá-lo naquilo que na terra fica: o pão, a roupa, o calçado, a casa... O pão do espírito, a iluminação da Vida, obra da educação, que prepara a creatura para a vida material e espiritual, espiritualizando-a concientemente, é o que lhe dá o mestre. Por isso que os mestres em Israel eram chamados *Príncipes do Povo, Sustentáculos da Sociedade, Luas de Israel* . . .

Para bem compreender o valor da educação e religiosidade dêsse povo, que foi o povo mais religioso que já existiu, eis aí os judeus sem pátria, sem

unidade política e territorial, escurraçados de muitos, mas sempre fieis a sua religião e a seus costumes. E, por seus costumes e religiosidade, ligados de tal modo, que poderiam oferecer exemplos de homogeneidade ao resto do mundo.

Só por isso, talvez valesse a pena levar a sério a opinião de Moisés Maimônide: «Pereça o santuário, mas, vão os meninos à escola».

E' a educação norteando, como se vê, a religião.

XII

O CONTRASTE NO BRASIL

O CONTRASTE verificou-se com os «cristãos» do século XV, que colonizaram o Brasil. Iniciada qualquer povoação, cuidava-se, imediatamente, de construir a igreja, sempre em lugar de destaque, dominando a casaria, para impressionar melhor, e a cadeia. A *casa de Deus* e a do crime. Faltava, entre uma e outra, a casa do homem — a escola — onde se aprendesse a evitar o crime e a ascender para Deus. Daí, a cifra de analfabetos que, ainda hoje, apresenta o Brasil. E a credulidade bea-

ta, feita de — *amens!* — a todo *pafer dixit*, a todo *ecclesia dixit*, que, em nome da verdade religiosa, vão as religiões dogmáticas ensinando e dizendo por aí em fora, entre nós...

XIII

O CRISTO, MESTRE E SENHOR

O Cristo, nascendo no meio do povo de Israel e com a gloriosa missão que trouxe à Terra, não podia prègar uma doutrina que não fosse a educação em si mesma, quintessenciada, sublimada.

Não podia sinão ser o Mestre dos mestres.

Foi, pois, como Senhor e Mestre — Senhor de toda a sabedoria e Mestre da Verdadeira Educação — que o Cristo predicou e exemplificou a mais sábia, e mais pura, e mais bela de todas as doutrinas que a humanidade já conheceu. Não quis — Ele, o maior espírito que já baixou à Terra; tão alto, tão grande, tão puro, que o tomam feito, irracionalmente, o próprio Deus! — não quis Ele ser sinão mestre. Foi a única missão, o sacerdócio único que bem lhe sôu. Confundem-No com o

próprio Deus. E Ele ensina : «O Pai é maior do que eu». (João, XIV-28). Querem-No venerado como o Pai. Ele adverte : «A ninguém sôbre a terra chameis pai, porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu.» (Mat. XXIII, 9). Recebem-no como Rei e querem dar-lhe realza. Ele protesta : «Meu Reino não é dêste mundo.» (João, XVIII-36). Tomam-No como grande senhor, servido por legiões de fâmulos. Ele diz : «O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir.» (Mar. X-45). E exemplifica-o, lavando os pés aos discípulos. Querem-No feito juiz, a distribuir sentenças. Ele sentenciã : «O Pai não enviou o Filho ao mundo, para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por êle». (João, III-17). Pensam-No autor e executor de leis novas. Ele explica : «Não penseis que vim revogar a Lei e os Profetas, não vim revogar, mas cumprir.» (Mat. V-17). Chamam-No bom (e quem tanto ou mais do que Ele o foi ?) Mas Ele protesta : «Por que me chamais bom ? Ninguém é bom, sinão um só, que é Deus.» Mar. X-18). Recebem-No como privilegiado para, só Ele, realizar maravilhas. Ele sanciona :

«Aquele que crê em mim, êsse fará também as obras que eu faço, e fará, ainda, maiores... (João-XIV-12).

Ele, que é tudo, tudo, não quis para si nem o poder, nem as glórias daí decorrentes. Quando, entretanto, O chamaram de Mestre e Senhor, respondeu, embandeirado de alegrias e emotividades. Sua resposta: «Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou». (João, XIII-13). Chamam-No, conta Marcos, *Bom Mestre*. Protesta, como já vimos, contra o *bom*, calando qualquer advertência a propósito do *mestre*, o que, na verdade, o é...

Ser mestre, educar ensinando, foi o único título que bem se lhe ajustou.

E Mestre Ele o foi em tudo.

Aí estão os Evangelhos para atestá-lo. Seus Evangelhos, que são os compêndios de uma Educação com maiúscula, que não passa, embora passem os Céus e a Terra...

X I V

PLANTA QUE O PAI NÃO PLANTOU

E seu processo de educação é bem aquela planta que o Pai plantou.

Que não será, por isto mesmo, cortada e lançada ao fogo, como tem acontecido com outros processos, outras doutrinas, outros sistemas...

A prova, ei-la aqui, superficialíssima, porém suficiente...

Antes e depois do Cristo, quantas doutrinas tem prégado os sábios da Terra, a retumbância de prós-homens que cursaram escolas superiores e famosas! E prégadas em in-folios e cartapacios colossais, de abarrotar bibliotecas. E transmitidas, através das éras, a outros doutores e sábios, sem, contudo, suas doutrinas e seus sistemas lograrem mérito e eficiencia?!

O Cristo nada aprendeu. E nada escreveu. Nem quis lantejoulas e títulos. Fez-se acompanhar por gente simples e humilde, por ignorantes e rústicos que, por isso mesmo, também nada deixaram escrito. Só uma vez escreveu o Mestre e Senhor — com o dedo, na areia. Mesmo assim, para um ato de justiça e caridade. Seus ensinamentos, transmitidos durante a exiguidade de três anos, só muitos anos depois é que apareceram codificados, segundo ao que foi ouvido aos apóstolos...

A despeito, entretanto, de discutido, negado e adulterado, o Cristianismo atravessou os séculos. Imagine-mo-lo, agora, puríssimo e interpretado em espírito e verdade!

Não se precisa, em bôa lógica, de maior e melhor prova da divindade da obra de Jesus de Nazaré...

XV

SISTEMAS DE EDUCAÇÃO

A-pesar-de deturpado e adulterado, o Cristianismo já produziu sistemas de educação que vale a pena recordar alguns, dos mais famosos:

A *Patrística*, obra dos grandes padres da Igreja, reúne vultos dos mais preeminentes, a partir de Clemente de Alexandria, que preceituava a educação da mulher tal como a do homem. Origenes, tão entregue ao sacerdócio de educar e prègar aquele Cristianismo primitivo, ainda não catolicizado; Origenes, que chegou, ao que se escreve, a mutilar-se para conservar a castidade, consagrou toda a existência ao ensino, pois o Cristianismo não era sinão um sistema de educação moral e espi-

ritual. Basílio, o Grande, de Cesaréa, que aconselhava : «o habito de ler más ações conduz a ações más». Jeronimo, da Panonia—o S. Jeronimo da Igreja — a quem foi cometida a árdua tarefa de selecionar do amalgama de falsos evangelhos, os que aí passam como verdadeiros; S. Jeronimo preceituava que «é preciso o mestre desça até o nível do discípulo para subir até o nível de Deus». O bispo de Hipona, com sobejas razões cognominado «o Pai da Igreja»; S. Agostinho aconselha a ciência da observação para facilitar a compreensão . . .

A *monástica*, que sai dos eremitérios e dos conventos, apresenta-nos um Bento de Nursia—o S. Bento, da Igreja, que funda a *Ordem dos Benedictinos*, esmerados na paciência em copiar os manuscritos importantes, que foram os primeiros educadores dos Germanos e Britânicos. Isidoro de Cartagena, o Santo Isidoro do catolicismo, que em menino foi mau aluno, muito travesso. Fugiu de casa e da escola. Na fuga, vê num poço, a pedra da borda gasta pela corda do balde, a roçar nela. Compreendeu era preciso a persistência da corda para vencer sua natureza pétrea.

E volta à escola ou à casa. Foi arcebispo de Sevilha, ilustrando seu arcebispado pelas escolas que fundou. O venerável Beda, que fôra discípulo de S. Bento, alcunhado «o pai da educação inglêsa», que só teve, confessou, dois pecados na vida — abençoados pecados os seus — «aprender e educar».

A *Escolástica*, que foi a filosofia da Idade Média, não passava de um sistema de educação, apenas. De um sistema de educação que quasi prescinde da instrução. Daí, o *credo quia absurdum*, atribuído a S. Agostinho ;— o *credo ut intellegan*, de Santo Anselmo. Foi esta escola de educação que nos deu grandes vultos, de incontestável valor : Tomaz de Aquino, que cristianizou Aristoteles, na sua *Suma Teológica* ; Rogerio Bacon, a maior cabeça da Idade Média, a quem se atribue a invenção da pólvora e a previsão de muitas descobertas científicas da atualidade, como o canhão, o barco a vapor, o automovel, é o autor desta sentença : «Todos os argumentos do mundo não prevalecerão contra um facto bem verificado.» João Charlier, o Gerson, da *Imitação de Cristo*, o doutor cristianissimo, para quem a «educação

da criança é o elemento fundamental da ordem social».

A civilização mussulmana, talvez a maior que já houve depois da civilização grega, é, ainda, uma influência indireta do Cristianismo visto como o *Islamismo* não passa de uma religião participante da dos Evangelhos; de um remoque, — a juízo de historiador patricio — do Cristianismo.

A *Reforma*, eis outro exemplo. Para seu fundador, Lutero, de tal importância era o problema educacional que a educação de seus filhos, e não riquezas, fortificações, cidades, arsenais, armas, exércitos, é que serve para marcar a grandeza de um país.

Os *Jesuítas*, que espalharam escolas por toda parte, e crearam o ensino secundário, eis outro exemplo.

Por aquí será fácil de ver o que será o mundo, quando se espalharem sistemas e escolas educativas moldadas no Cristianismo puro?

XVI

CRISTIANISMO E EDUCAÇÃO

Se bem coube ao Cristo, sómente,

a láurea de Mestre, por certo que a sua doutrina não pôde ser, sinão, uma grande obra de educação. A maior que se conhece. Educação que não è, ainda, infelizmente, para o nosso mundo, porque assente na paz e no amor, no perdão e na justiça, na renúncia e no sacrifício, na tolerância e na caridade. Em suma, no altruismo, que é a virtude máxima de levar a criatura a olvidar a si próprio por amor do próximo.

Em que sistema educacional se encontram conceitos de paz como êstes ? «E ao que demandar contigo, tomando-te a túnica, dá-lhe também a capa?» «Se te obrigar a caminhar uma milha, anda duas». Decorre, pois, daqui, que seus verdadeiros discípulos devem enfrentar, se preciso, a bôca dos canhões e as pontas das baionetas com as mãos vãs. Mas, com o coração cheio de fé.

E como conseguí-lo, sinão por uma auto-educação conciente e perfeita ?

Qual o processo de educação que ensina nutra alguém um amor tamanho a criminosos e pecadores, para, sem faltas, descer até êsses pecadores e criminosos, a ponto de morrer crucificado em suas mãos ? E onde, ensino mais

belo do que êste : «amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem?»

Se não sabemos, ainda, amar aos nossos amigos e irmãos !

Em que sistema educativo poderis aprender êstes admiráveis «perdoai ao vosso irmão não sete vezes, mas setenta vezes sete?» E êste outro : «se tiveres de apresentar tua oferta ao altar do Senhor e souberes que teu irmão tem mágoa de ti, vai, primeiro, reconciliar-te com êle».

De que modo perdoar assim, nós que não sabemos, ainda, disfarçar a suscetibilidade de nosso amor-próprio ofendido? Amor-próprio, para não dizer orgulho?

Só por uma educação de si mesmo, nos moldes das lições e dos exemplos d'Aquele que nos mandou fossemos perfeitos como é perfeito o Pai que está no Céu.

Em que sistema educativo encontrareis maior exemplo de justiça, do que nos episódios da esposa adúltera e do tributo a Cesar? E neste expressivismo «não julgueis para não serdes julgados, porque com o juizo com que julgais sereis julgados e a medida de que usais, dessa usarão convosco?» E mais

êste : «quem ferir à espada, à espada será ferido ?»

E como compreendê-la e senti-la nós, acostumados a ver sómente injustiça, naquilo que contraria os nossos interêsses ?

Onde maior renúncia por amor dos mais desgraçados, do que a d'Aquele que, recebendo, no berço, a visita de três potentados da Terra, que lhe levaram ouro, incenso e mirra, símbolos perfeitos da riqueza, glória e posições mundanas, por que tanto se morre no mundo, não se aproximou, homem feito, dos grandes ? Não quis para si posições, glórias, e riquezas ? E conviveu sómente com pequeninos e humildes, com pecadores e infelizes ?

E como compreender, sentir e assimilar renúncia tamanha, sinão à fôrça de uma espiritualização completa, que só uma educação através de tal modêlo pode conferir.

E onde tolerância tão profunda que não veda a salvação e a perfeição a ninguém, a julgar por ensinamentos como êstes: «nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá ?» E mais : «eu vim para reunir as ovelhas desgarradas da Casa de Israel», que somos,

na verdade, todos nós? E ainda mais: «O Pai não quer a morte do pecador, mas que êle se converta e viva?» E mais ainda: «ha mais festas no Céu pela entrada nele de um pecador arrependido do que de mil justos?» E muito mais, ainda: «o Pai tanto abomina o pecado, como ama o pecador», que é sempre um infeliz? Em mais nenhum sistema de educação religiosa se encontra tolerância tamanha!

E a caridade—de que fez êste maravilhoso código de educação seu maior alicerce, — onde encontrareis tão alta e bela, como no episódio do *Bom Samaritano*? na parábola do *Rico e Lazaro*, a par do ensinamento constante de que sem obras ninguém logrará chegar a Deus? De que seremos julgados por nossas obras? Obras, que são todos os atos de caridade que, por educação espiritual, realizarmos?

E êsse altruísmo sem nome, de que dá o Cristo o testemunho, a perdoar do alto da cruz, cheio de piedade seus algozes, dizendo: «Pai, perdoai-lhes que eles não sabem o que fazem?»

A educação completa e integral, porque baseada na paz e no amor, no perdão e na justiça, na renúncia e na

tolerância, principalmente, na caridade, conhece-a, pois, a humanidade ha vinte séculos. Se esta educação, que, a despeito de applicada imperfeitamente, porque adulterada nos seus fundamentos— e aí estão as Cruzadas, a Inquisição, as guerras religiosas, a Companhia de Jesus, as rivalidades entre as religiões ditas cristãs, para a confirmação do aserto:—se esta educação, a despeito de assim praticada, já produziu alguns frutos sazonados, frutos sómente opimos produzirá, quando integralmente praticada em espírito e verdade.

Esta, é, pois, a mais gloriosa das funções do Espiritismo, o Paraclete que ficará eternamente conosco, como é da promessa do Cristo...

XVII

A FUNÇÃO MAIOR DO ESPIRITISMO

Doutrina multiforme, onímota, que é o Espiritismo, grande e bela através de quaisquer de seus aspectos, sua maior e mais bela diretriz não é outra sinão a educacional.

Curar enfêrmos da alma e do cor-

po é grande. E o Espiritismo realiza-o, integrando esta ordem incisiva do Divino Mestre: «Em meu nome, expelirão demônios (curas de obsidiados); porão as mãos sôbre os enfêrmos e os curarão». (Marcos XVI-17-18).

Realizar obras de assistência social que amparem enfêrmos, crianças e velhos abandonados, desvalidos de toda sorte, é grande e belo, além de constituir parte daquelas obras pelas quais seremos julgados.

Demonstrar prodígios de toda ordem, que possam abalar a resistência da incredulidade letrada e endurecida, (e em meu nome,—diz o Cristo— falarão outras línguas, pegarão em serpentes; se beberem qualquer coisa mortífera, não lhes fará mal algum (Mar. XVI, 17 e 18) é de suma importância.

Entrar no comercio com os «mortos», afim de aprender as verdades que vão felicitar os vivos, é maravilhoso.

Sua verdadeira obra, porém, é da educação, é a do ensino dos Evangelhos em espírito e verdade. Ensino e educação que nos ponham na posse da justiça de Deus, para recebermos tudo o mais de acrescimo. Quem, assim, por meio dessa educação, formou seu espí-

rito, será espírito que, de futuro, dispensará asilo de mendicidade e manicômios, a esmola do pão, da água e do abrigo, sôbre estar livre de obsessões e viver no conhecimento e nas graças de todos os prodígios que vimos. Recebendo tudo de acrescimo, recebeu, implicitamente, as defesas e os poderes de que carece.

O Espiritismo feito o próprio Cristianismo restaurado, e os espiritistas, consequentemente, como os cristãos novos, tal como vão apregoando, por aí em fóra, os espíritos de luz, o que têm a fazer são as mesmas obras e seguir os mesmos exemplos do cristianismo, e dos cristãos primitivos, e dos apóstolos. E a êstes, despachou o Cristo para a Vida, dêste jeito:—Ide e prégai, dizendo—: «É' chegado o reino dos Céus. Curai os enfêrmos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios, de graça recebestes, de graça dai», como está em Mateus (X, 7 e 8). E enviou-os (aos discípulos) a prégar o reino de Deus e a curar os enfêrmos, afirma Lucas (IX, 2). Saindo êles, prègavam que se arrependessem, e expulsassem demônios, e curassem enfêrmos, diz-no-lo Marcos. (VI 12 e 13).

Como vedes, a prègação, que é a educação, que é o ensino, em primeiro lugar. Depois, então, a cura de enfêrmos, e outras atividades doutrinárias...

Um confrade houve em New-York, que lançou, ha coisa de um lustro, pelos jornais doutrinários norte-americanos, êste apêlo aos espiritistas: «Menos centros espíritas e mais escolas». Menos centros, na verdade, de espiritismo, desde que tais centros só se preocupem, sem nenhuma finalidade cristã-educativa que beneficie a humanidade, com as comunicações de espíritos, com êsse espiritismo prático que, nem por mais agradar geralmente, deixa de estar erigido de tais dificuldades que, por vezes, pode ser tudo, menos espiritismo, servindo, ainda, para dificultar a marcha da Doutrina. E', aliás, o que nos diz Allan Kardec dêste jeito: «O Espiritismo experimental está cercado de muito mais dificuldades do que se acredita geralmente, e os escolhos que aí se encontram são numerosos; é o que produz tanta decepção aos que dêle se ocupam sem terem a experiênciã e os conhecimentos necessários».

Conhecimentos e experiências necessárias, escolhos afastados e dificuldades

vencidas, ainda por obra e graça da educação. Por isso que nunca podemos compreender como possa a ignorância e a incultura (incultura e ignorância a respeito das coisas da Doutrina Espírita) se enquadrar no Espiritismo. Doutrina que, por difficilima (nunca se disse que o Espiritismo fosse uma ciência fácil, escreve Allan Kardec); que, por essencialmente evolutiva como toda a ciência («O Espiritismo é ciência da qual apenas conhecemos o A. B. C.» diz Flammarion) Doutrina assim, não pôde, por isso mesmo, ser assimilada sem estudos e observações por qualquer comodista e descuidado.

Estamos, assim, em que um centro de espiritismo não é, nem deve ser, apenas, uma casa de orações. Estamos em que não devemos correr até aí apenas para entoar rezas ás Fôrças do Alto e ouvir, aceitando sem melhor análise, tudo que do Alto nos venha. Um centro de espiritismo deve ser, e é, acima de tudo, uma casa de estudos, uma verdadeira escola, onde se deve estudar a mais difficil das ciências, — a Ciência, da Imortalidade; a mais complexa das filosofias — a Filosofia do Espírito; a mais lógica e doce das religiões — a Re-

ligião do Cristo interpretada em espírito e verdade.

Assim, o que aí se deve fazer, principalmente, essencialmente, preferentemente, é, logo após a prece — e a prece é bem a chave de ouro com que tais reuniões devem começar e terminar! —; o que aí se deve fazer primeiramente, é estudar a Doutrina com método, analítica e racionalmente. Depois, então, se sobrar tempo...

É nestes estudos, a nossa re-educação, — caso sejamos educados — ou nossa auto-educação!

E a par de nossa auto-educação, ou re-educação, a educação de nossas crianças, êsses legados preciosos que Deus nos confiou exatamente para sermos seus mentores e guias.

XVIII

O VALOR DA EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA

A religião de Roma tem conservado, ainda, seu domínio no mundo, pela intoxicação de suas doutrinas nos cérebros infantís, através do ensino. Daquilo que nos dominou, na primeira ida-

de, a inteligência, difficilmente nos livramos. Podemos testemunhá-lo, individualmente, porque fomos um intoxicado, na infância, pelas babozeiras católicas. Atestam-no, também, muitos *médiuns*, que temos conhecido. Embora andem à lida com espíritos, ainda têm mêdo de assombração, exatamente pelo pavor à morte e às almas do outro mundo, tão do sabor das ensinanças católicas!

Começar, pois, a obra do Espiritismo pela educação da criança, é o que de melhor e maior se terá feito. Teremos assim contribuido maravilhosamente, para o verdadeiro desenvolvimento e domínio da Doutrina. Pouparamos, assim, às nossas crianças, as mesmas decepções e desilusões religiosas por que passamos, até chegarmos ao Espiritismo. E teremos feito, por êste meio, a mais bela das caridades, que é a caridade feita, diretamente, ao Espírito, pela educação...

Nem ha caridade maior do que ensinar aos que erram, aos que não sabem...

Nem ha melhor forma de implantar, definitivamente, uma doutrina, do que ensinando às crianças.

A par do exemplo da Igreja de Roma, temos atualmente, o que nos oferecem a Itália e a Alemanha, na formação de infâncias e juventudes facistas e nazistas . . .

Em 1870, quando a Prússia unificou a Alemanha, corporificando o ideal de Bismark, dizia-se à boca cheia que a vitória prussiana fôra trabalho dos mestres-escolas prussianos.

Se doutrinas, como a da Igreja, que não resistem à menor análise, e sistemas eivados de paixões e exclusivismos, como o *nazismo* e o *facismo*, podem tanto nas inteligências infantís e juvenís, o que não poderá uma doutrina que resiste a toda análise, sem exclusivismos e paixões, como é a Doutrina Espírita?

Não tenhamos dúvida que a maior obra do Espiritismo é a da educação.

E' a obra educacional através de todos os seus aspectos.

Educação, que implique o conhecimento necessário da Doutrina, visto como ninguém póde professar, lógica e racionalmente, uma doutrina sem conhecê-la bem.

Educação no sentido de pautar

nossos atos aos ensinamentos da Doutrina que nos orienta.

Educação capaz de respeitar e tolerar todos os que seguem e praticam outras doutrinas; todos os que, dentro de nossa Doutrina, não pensam e não sentem como nós!

Educação que nos leve a trabalhar porfiadamente pela Doutrina, sempre tolerantes e solidários, dentro da divisa do codificador: *TRABALHO, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA.*

XIX

ESBOÇO DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO

Toda doutrina aplicada exige programa.

A DOCTRINA ESPÍRITA, como obra de educação, exige, além de programas, escolas e mestres diferentes.

Dando a Cesar o que é de Cesar, o Espiritismo, porque a mesma Doutrina do Cristo restaurada em espírito e verdade, não pode, é óbvio, fugir à Lei. Assim, cumprindo a Lei, as escolas espíritas, ajustadas, quanto à instrução aos programas oficiais, tem que,

na parte educacional, orientar-se dentro do Evangelho e da Codificação.

AULAS DE MORAL.

Devem ocupar lugar de relêvo á margem das de instrução, esforçando-se o professor na demonstração prática, através de factos e exemplos, que, se a instrução vale muito, vale tudo a educação. Que mais vale um inculto de boas maneiras, trato delicado e afetuoso, do que um sábio grosseirão, mal-criado.

Os alunos devem colaborar com observações próprias, nestas aulas.

AULAS DE CIVISMO.

Devem ser, também diferentes, de molde a demonstrar às crianças que devemos amar e servir à Pátria, porque não foi sem motivos fortes que Deus consentiu renascessemos nela, mas sem ódios, hostilidades e rebaixamentos das pátrias alheias: Amar a Pátria como se ama e se gosta da casa em que se mora. As aulas de civismo devem abranger os grandes homens da Pátria, que a enobreceram com o seu

patriotismo, mormente no tocante às letras, às ciências, às artes, às indústrias, á cultura e filantropia cristã...

E salientar, claramente, nelas, a cacterística especial do Brasil, como país e povo diferentes, com a missão, talvez, de — como Pátria do Evangelho e Coração do Mundo que é, na voz dos Espíritos de luz — espiritualizar o Planeta, com a civilização diferente, porque instintivamente hospitaleira, afetuosa e cristã, que se está formando no seu seio.

EVANGELHO PARA AS CRIANÇAS.

Nos centros espíritas, que mantenham ou não escolas primárias, mas que consagrem ao estudo da Doutrina o primeiro lugar — que outra coisa não devem fazer centros bem organizados — deve existir, uma vez por semana, aula de Evangelho para as crianças. Obrigatórias para os alunos de sua escola primária, de vez que não é lógico matriculem seus filhos numa escola espírita, mórmente onde existam outras escolas, quem não desejar para ela a educação espiritista...

Para a aula despertar o justíssimo

interêsse às crianças, deve o *centro* e o *mestre* aplicar estímulos e compensações imediatas.

Por falta desta compreensão e aplicação, muitas aulas de Evangelho têm fracassado dolorosamente...

PROCESSO DAS AULAS.

Uma aula de Evangelho para crianças colimará, podemos dar disto eloquentíssimo testemunho — sua alta finalidade com esta aplicação:

a) Prece inicial, proferida por uma criança que se apresente, espontaneamente, para tanto. E havendo educação e estímulo para isto, não falta quem deseje proferí-la.

b) Exposição de um ponto da Doutrina em linguagem própria à compreensão das crianças. Exposição ilustrada a exemplos e factos, que provoquem a observação e a análise do aluno.

c) Uma historieta para criança e de criança desde que haja aluno que possa escrevê-la, ou reproduzí-la de cor.

d) Números de declamação, de teatro ligeiro, páginas literárias, etc.

e) Revisão do que foi ensinado nas aulas anteriores para medida de aproveitamento.

f) **CADERNO DE BÓAS AÇÕES**, no qual o aluno registra as ações boas que praticou na semana. Ações comentadas pelo professor, em aula, delas tirando os motivos de ensinamentos para a classe. Caderno que passará ás mãos de outro aluno, sorteado para tanto, entregue, amistosamente, pelo colega. Os pequenos, que não sabem escrever, as mães escreverão por eles. O professor salientará sempre que não se devem inventar, por vaidade, ação que não se praticou; que, se assim acontecer, o aluno poderá enganar os mestres e colegas. Mas, não enganará a própria consciência, a seus guias espirituais, que nunca nos deixam sós, a Deus...

g) Prece final, proferida por outra criança.

ESTÍMULOS.

Para estímulo maior dos alunos :

a) A distribuição de um cartão-de-identidade, com notas de identificação à esquerda e à direita, o seguinte —:

O aluno de uma escola cristã

NÃO PODE

Arengar

Beber alcoólicos
Brincar grosseiramente
Caluniar
Consentir e praticar ações feias
Dizer ou escrever indecências
Descuidar de seus deveres
Desasseiar-se
Desrespeitar os outros
Fumar
Fazer má-criações
Mentir
Negar proteção aos mais fracos
Ser falso
Ser preguiçoso
Vingar-se
SER MAU

E no verso,

O DECÁLOGO DO BOM ALUNO :

Aluno correto é aquele que, na escola, segue, à risca, o DECÁLOGO abaixo:

- I E' pontual às aulas.
- II Presta muita atenção às lições.
- III Respeita e obedece os mestres
- IV Porta-se bem sempre
- V E' amigo de seus colegas
- VI Não se esquece dos deveres escolares

- VII Traz sempre as lições sabidas
- VIII Zela por seus objetos escolares
- IX Não danifica o mobiliario e objetos escolares
- X Fala pouco, escuta bem e aprende muito.

b) Uma distribuição de pontos de aplicação e interêsse pelas aulas, computados em cartõezinhos de cartolina, valendo 5, 10 e 20 pontos, a cores diferentes, para serem colecionados durante o ano, afim de, na festa de encerramento das aulas, arrematar brindes com êles.

Os brindes, que serão exibidos em original quermesse: obras dos próprios alunos e presentes de alunos, professores e amigos da escola, com o nome de quem o ofereceu. A arrematação dos brindes implica uma prova de amizade de quem fez os lances para o doador. E' pois, indispensável que o leiloeiro saliente bem isto, salientando que o objeto arrematado deve lembrar, posteriormente, o convívio e a amizade que, nas aulas, sempre mantiveram . . .

Simple na sua aplicação, mas de um resultado surpreendente, podemos afirmá-lo, desde que o mentor das aulas saiba frisar bem que o brinde con-

quistado deve lembrar sempre seu esforço a prol do aperfeiçoamento moral, através das aulas, bem como a amizade e o convívio do mestre ou colega que o ofereceu.

Numa das escolas que dirigimos, testemunhamos esta cena:

Uma criança arremata um *bibelôt* barato, brinde de sua maior amiguinha de classe, pelo qual deu todos os pontos conquistados durante o ano.

A ofertante, entusiasmada, corre à arrematante, e dá-lhe um longo beijo na fronte: a demonstração de seu reconhecimento.

Ali estavam duas almas em formação a irradiar emotividades!

Mas, não ficou aqui.

A criança corre, depois, à sua mãe, e oferece-lhe o *bibelôt* como fruto de seu primeiro esforço a prol de sua formação espiritual. Com os olhos em lágrimas de satisfação, a mãe abraça e beija a filhinha.

Comoção geral de todos!

c) Vez por outra, uma reunião festiva, em dias de festas cristãs e nacionais, em que as crianças revelem seus pendores e aproveitamento a outras pessoas.

d) Uma concentração de crianças, no «Dia da Criança», em que várias escolas concorram a números sorteados a premios.

A ultima que realizamos, coustou de três concursos: de contos infantis, para alunos que ja sabem escrever, de 12 anos acima; de declamação, para os pequeninos e de canto, para todas as idades. A três prêmios, cada concurso: o primeiro, medalha cunhada; o segundo e o terceiro, livros com dedicação.

Concurso em duas entranças. A primeira, na escola, para seleção de valores. A segunda, de valores selecionados na escola, para julgamento de um juri organizado na própria festa.

A entrega dos premios conquistados imediatamente.

Depois, distribuição de balas a todas as crianças...

UNIÃO DA MOCIDADE ESPÍRITA

Como desdobramento dêste programa até os moços, que se organizem e estimulem uniões de moços, através de programas atraentes e efficientes.

Dirigimos uma União que realiza,

proveitosamente, o programa abaixo:

a) Explicação de pontos evangélicos.

b) Desenvolvimento de pendores literários através de páginas literárias e de contos.

c) Cultivo da arte cênica e da declamação.

d) Tertúlias lítero-artístico-doutrinárias.

e) Elucidação, a controversas amigáveis, de pontos ambíguos de Doutrina, para desenvolvimento da inteligência e do raciocínio . . .

A MAIOR DIFICULDADE.

A maior dificuldade a vencer, não está na elaboração do programa e na sua realização. Muito menos nos alunos, crianças e moços, que podem aparecer, e aparecerão fatalmente. Ainda menos na sede. Está no mestre.

E', pois, o mestre o maior problema a solucionar.

O mestre, que não a escola e os alunos, é o essencial.

Pouco adiantam prédios suntuosos, aparelhamentos moderníssimos e exigências pedagógicas, se dentro da escola,

manobrando seu aparelhamento e aplicando as exigências da pedagogia, não estiver um mestre de capacidade moral e intelectual. De capacidade moral, principalmente.

Para ser integral o mestre, deve compreender, sentir e praticar esta sentença do autor da IMITAÇÃO DE CRISTO: «Com as crianças, é preciso ser criança. Sem afeição, como ensinar?». E' preciso que a criança, «a cera mole às mãos do mestre, na comparação de Horácio, o grande poeta latino — não receba do vício as primeiras impressões».

E o mestre, que não der à profissão que escolheu, que é um sacerdócio, um pouco da própria alma, sinão a alma inteira, não é digno dêsse nome.

E' o que diz um poeta, em estrofe expressivissima, com que fechamos êste modesto trabalho:

E o professor,
Que por amor ao comodismo, ao ócio,
Não faz de sua arte um sacerdócio,
Não tem nenhum valor...

